

ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS POR MEIO DA LIBRAS TÁTIL

REBECA DA FONSECA BARBOSA¹; FÁBIO VIEIRA RIBEIRO²; ALINE NUNES DA CUNHA MEDEIROS³; RENATA CRISTINA ROCHA DA SILVA⁴; BEATRIZ HOBUS HARTWIG⁵ ;

DAIANA SAN MARTINS GOULART⁶:

¹Universidade Federal de Pelotas – re6ecabarbosa@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fabiocristao16@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – alinenem@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – renatatoufpel@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – beatrizhobushartwig@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – daiana.goulart@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência visa apresentar o processo de ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais - Libras - a um aluno cego ouvinte do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas, bolsista da Coordenação de Acessibilidade - COACE. Tal atividade foi desenvolvida em uma oficina de Libras ministrada por integrantes do projeto Libras em Ação em parceria com a COACE. Conforme QUADROS (2006, p. 45) “A Libras é uma língua viso-espacial, na qual a articulação dos sinais ocorre no espaço, utilizando-se principalmente as mãos, expressões faciais e do corpo”, no entanto, quando se trata de uma pessoa cega, o aprendizado não ocorre por meio de uma metodologia visual. Se para os ouvintes que enxergam, o canal visual é imprescindível para captar os sinais, as expressões faciais e corporais, entre outros aspectos que são específicos das línguas de sinais. Quando o aluno cego demonstrou interesse em aprender essa língua, o questionamento inicial foi: Como ensinar uma língua visual para uma pessoa cega? Paralelo ao questionamento/inquietação, a equipe do projeto passou a buscar referências para o ensino da Libras e por outras estratégias que possibilitaram a aquisição da língua de sinais pelo estudante.

É importante destacar que a presença dos alunos surdos no projeto e dos alunos ouvintes que utilizam a língua de sinais foi fundamental para definir as estratégias de ensino para esse aluno, após algumas discussões optou-se em utilizar a Libras Tátil, essa forma de comunicação refere-se a adaptação da língua de sinais para a comunicação com pessoas surdocegas, consiste em passar as informações por meio do toque nas mãos da pessoa sinalizante. Segundo SOUZA (2020, p. 34) “A Libras tátil é um recurso que ultrapassa barreiras visuais, permitindo que o indivíduo cego e surdocego compreenda sinais por meio do tato, reforçando seu protagonismo comunicativo.” Em meio a vários desafios e diante uma situação inovadora para o ensino de Libras na universidade, iniciou-se o ensino da língua de sinais para o aluno cego, por meio de estratégias que foram desenvolvidas considerando as especificidades do processo de ensino e aprendizagem deste sujeito.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A metodologia adotada seguiu uma abordagem áudio-descritiva, segundo MOTTA; ROMEU (2010, p. 11) o qual descreve como um “recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual [...] que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão social, cultural e escolar”. Em um contexto em que o ensino ocorre por meio do tato, foi preciso criar várias estratégias para que o estudante fosse adquirindo os sinais e pudesse se comunicar com os surdos. Tal metodologia foi se constituindo, em parceria com outros colegas do projeto já mencionado, havendo uma troca a cada 30 ou 40 minutos, em razão da modalidade de sinalização por meio da Libras Tátil, ser algo extremamente exaustivo, uma vez que é preciso sentar em uma posição que fique na altura das mãos da pessoa cega, posicionar-se em um local que possa acompanhar o professor que está ministrando a oficina, ficar atento às imagens e movimentações da sala para fazer a descrição do ambiente e passar o que está sendo ensinado para os demais alunos por meio do tato, conforme mencionado anteriormente. Depois de um tempo de sinalização a coluna começa a doer, sendo necessário contar com colegas que possam trocar de posição na sinalização e também prestar apoio durante o processo de ensino. ROCHA et al. (2019, p. 58) descreve da seguinte forma tal aspecto: “Na Libras Tátil, o espaço de sinalização é consideravelmente reduzido, concentrando-se em uma zona próxima ao corpo do surdocego, geralmente limitada ao espaço das mãos e parte superior do tronco.” O que exige um modo de sinalização e organização diferenciado.

Buscando demonstrar como ocorre tal processo, segue abaixo imagens que o ilustram:

Figura 1 e 2: Momento do ensino da Libras por meio do tato.



Fonte: arquivo pessoal.

Na primeira imagem, a direita está localizado o estudante cego tocando nas mãos da aluna surda que lhe apresenta o sinal do verbo “querer”, ao seu lado encontra-se a aluna ouvinte realizando a audiodescrição do presente verbo. Já a

segunda imagem, centralizada, está a estudante surda já mencionada, apresentando para Fábio o sinal de “bom”. Tal estudante já concluiu sua graduação, mas como já teve experiências nesta área na cidade de São Paulo, foi convidada a participar das oficinas.

Além da abordagem áudio-descritiva e o uso de estratégias táteis, criaram-se outras alternativas para o ensino da Libras, pois ao decorrer das oficinas o aluno conheceu a estrutura gramatical da língua, fazendo com que pudesse compreender qual maneira se sentiria mais confortável para aquisição da Libras. Em meio à várias tentativas, criou-se uma forma de ensino, por meio da “descrição dos dedos”, juntamente com o sinal apresentado em sua mão. Tal estratégia ocorreu da seguinte forma: enquanto a aluna surda apresentava determinado sinal de forma tátil, a outra estudante ouvinte descrevia como os dedos da mão estavam posicionados. Tendo em vista o presente exemplo para compreensão, a letra A em Língua Brasileira de Sinais: “dedos 1 ao 4 fechados em sua palma da mão, e dedo 5 tocando no quarto dedo, a mão permanece imóvel.” Observa-se determinada caracterização, os dedos da mão contendo uma contagem ordenada iniciando-se pelo dedo mínimo ao polegar, igualmente a linguagem empregada inferior a de profissionais capacitados, em razão de ser uma nova experiência e todos estarem aprendendo mais a cada encontro realizado.

Figura 3 e 4: Momento da aquisição das letras do alfabeto manual de forma tátil.



Fonte: arquivo pessoal.

Na primeira imagem, percebe-se a estudante ouvinte apresentando a letra A do alfabeto manual. Já na segunda imagem nota-se o aluno cego a reproduzindo por meio do tato.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todos desafios encontrados ao decorrer do processo, tal atividade contou com a parceria de diversos cursos da UFPEL, sendo eles: Jornalismo,

Letras - Libras/Literatura Surda, Artes Visuais e Arquitetura e Urbanismo além, da parceria com a Coordenação de Acessibilidade - COACE. Quanto ao trabalho desenvolvido por alunos do curso de Artes Visuais, cabe destacar a criação do alfabeto em Libras com massa de biscoito, visando auxiliar o aluno cego a dar continuidade com seus estudos de forma autônoma. Posteriormente, houve uma ampliação de produção desse material em formato 3D, por meio de uma parceria com uma professora do curso de Arquitetura e Urbanismo e seus alunos.

Nesse processo houveram inúmeros desafios, alguns relacionados aos aspectos mais técnicos na aquisição da Libras, como o uso das expressões faciais e a mudança na intensidade dos sinais, aspectos que são específicos desta língua. Outros relacionados a interação do aluno cego com os outros colegas que estavam presentes na oficina, muitas vezes essa interação era mais frequente entre os tutores ouvintes e os colegas surdos que acompanhavam o aluno cego nos encontros. Este grupo se tornou mais próximo do aluno cego, porque eles conhecem a língua de sinais e eram eles quem durante esses contatos criavam as estratégias de comunicação. No entanto, mesmo em meio à diversas adversidades e inúmeros desafios, o trabalho desenvolvido com o aluno cego possibilitou compreender a importância da acessibilidade para diferentes formas de perceber o mundo, além de propiciar outras possibilidades de comunicação e interação.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOTTA, L.M.M.V.; ROMEU F.P. **Audiodescrição: Transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, p. 11, 2010.

QUADROS, R.M.D. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, p. 45, 2004.

ROCHA, N.F.D.; ALMEIDA, M.P.; FERREIRA, J. **Ensino de Libras tátil: contribuições para a inclusão de surdocegos**. In: Anais do Congresso Nacional de Educação, p. 58, 2019.

SOUZA, B.C.D. **O uso da Libras Tátil como recurso comunicativo para pessoas com deficiência visual**, p. 34, 2020.